

TABULEIRO DE LETRAS

Varição das estratégias de relativização no português brasileiro

Variation of relativization strategies in Brazilian Portuguese

Dennis Castanheira¹

RESUMO: Este artigo tem como objetivo discutir a variação das estratégias de relativização nas modalidades falada e escrita da língua no português brasileiro. É analisada, mais especificamente, a variação entre as relativas padrão não preposicionadas e as relativas copiadoras, a partir dos pressupostos teórico-metodológicos do Sociofuncionalismo (cf. TAVARES, 2003; 2013; TAVARES; GÖRSKY, 2015; CEZARIO; MARQUES; ABRAÇADO, 2016). Os dados, todos das cidades de Niterói e Juiz de Fora do *Corpus Discurso & Gramática*, foram coletados e analisados qualitativa e quantitativamente para teste das hipóteses postuladas no trabalho.

Palavras-chave: Estratégias de relativização; Sociofuncionalismo; Fala e escrita

ABSTRACT: This article aims to discuss the variation of relativization strategies in the spoken and written modalities of the language in Brazilian Portuguese. It is analyzed, more specifically, the variation between the non-prepositional standard relative and the relative copiers from the theoretical-methodological assumptions of Sociofunctionalism (cf. TAVARES, 2003, 2013, TAVARES, GÖRSKY, 2015, CEZARIO, MARQUES, ABRAÇADO, 2016). The data, all from Niteroi and from Juiz de Fora of the *Corpus Discurso & Gramática*, were collected and analyzed qualitatively and quantitatively in order to test the hypotheses postulated in the study.

Keywords: Relativization strategies; Sociofunctionalism; Written and spoken language.

Introdução

O presente artigo tem como objetivo geral discutir o processo de variação sintática que ocorre nas estratégias de relativização no português brasileiro, de modo específico entre as relativas padrão não preposicionadas (exemplo (1)) e as relativas copiadoras (exemplo (2)). Para isso, coletamos e analisamos dados oriundos do *Corpus Discurso e Gramática*, mais especificamente das cidades de Niterói e Juiz de Fora, para fins de comparação diatópica. Como base teórica, recorreremos ao Sociofuncionalismo, corrente que congrega os

¹ Mestre em Linguística e Doutorando em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Professor Substituto de Língua Portuguesa na mesma instituição.

pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista (cf. WEINREICH; LABOV; HERZOG, [1968] 2006; LABOV [1972], 2010; LABOV, 2010) e do Funcionalismo Norteamericano (GIVÓN, 1990; 1995).

Alguns exemplos da nossa amostra são:

- (1) “No dia 19 de setembro, fui visitar uma amiga de Itaguatiara **que ganhara um filho**. Chegando lá, encontrei no portão da casa seu marido um pouco aborrecido. Ele não permitiu que eu visitasse Rosana” (Niterói – Narrativa de experiência pessoal – Escrita – Ensino Superior);
- (2) “Um dia, meu colega Fagner me contou que perto da casa dele tem uma moça **que ela é evangélica** e uma vez ela estava vendo uma novela e nesta novela tinha um ator que ela amava, e ela não queria sair da frente da televisão por nada. Um dia esse ator apareceu p/ ela dentro de um trem e começou a conversar c/ ela. Mas ninguém via esse ator” (Niterói – Narrativa recontada – Escrita – Oitava Série).

A escolha do *corpus* justifica-se pela sua constituição a partir de estratificação social em diferentes graus de escolaridade, faixas etárias e sexos/ gêneros. Esse aspecto é relevante para a pesquisa, já que no presente estudo tratamos de variantes que podem apresentar algum grau de estigma social e, conseqüentemente, serem tidas como “marcadas”, nos termos de Givón (1990). Além disso, destacamos que a escolha das cidades referidas também se vincula às opções metodológicas de Bispo (2009), que analisou as estratégias de relativização no mesmo banco de dados, mas considerando as cidades do Rio de Janeiro e Natal. Também destacamos que o *corpus* apresenta textos de fala e escrita, divididos por distintas categorias textuais como explicitaremos na metodologia do artigo. Apesar de não ser possível estabelecer um *continuum* entre essas modalidades, é possível estabelecer um panorama amplo sobre quais estratégias ocorrem mais em cada uma delas, indicando, inclusive, caminhos para próximos estudos sobre a temática.

Como fundamentação teórica, adotamos os pressupostos teóricos do Sociofuncionalismo, abordagem que tem recebido especial atenção de estudiosos diversos ao longo das últimas décadas, mas que, nos últimos anos, tem apresentado maior explicitação nas investigações linguísticas, sobretudo as lideradas por Edair Görsky e Maria Alice Tavares. Recorremos a textos basilares da Sociolinguística Variacionista e do Funcionalismo

americano, vertentes utilizadas pela maior parte dos trabalhos sociofuncionalistas, e também a artigos recentes de autores que trabalham com essa interseção. A presente opção teórica é motivada, vale dizer, pelo tratamento variacionista envolvido na pesquisa e pelas motivações discursivas que defenderemos e que podem condicionar a maior frequência de determinada variante.

Para fins metodológicos, recorreremos a uma análise qualitativa e quantitativa dos dados, levando em consideração suas características em perspectiva mais geral e a partir de aspectos mais específicos de alguns dados. Recorreremos à metodologia de coleta, análise e decodificação dos dados como propõem diversos trabalhos variacionistas e funcionalistas. Além disso, buscamos estabelecer algumas possíveis generalizações quantitativas e o levantamento de questões qualitativas que estejam presentes nos dados coletados e analisados.

Para tanto, estabelecemos alguns objetivos específicos para o presente trabalho:

- (a) analisar a frequência das estratégias de relativização;
- (b) examinar a relevância da escolaridade na variação das estratégias de relativização;
- (c) verificar a distribuição das estratégias de relativização na fala e na escrita; e
- (d) analisar comparativamente a relevância da localidade para a variação nas estratégias de relativização.

Vinculadas a esses objetivos, postulamos as seguintes hipóteses:

- (i) as orações relativas padrão sem preposição serão mais utilizadas do que as copiadoras, por serem formas menos marcadas;
- (ii) informantes com menor grau de escolaridade tenderão a utilizar mais formas não-padrão do que aqueles com maior escolarização;
- (iii) as relativas copiadoras, por não serem previstas pela gramática tradicional, serão mais frequentes na modalidade falada, devido ao menor grau de monitoramento; e
- (iv) aspectos diatópicos não influenciarão a variação nas estratégias de relativização.

Destacamos que, embora na literatura as estratégias de relativização tenham sido um tema bastante estudado sob diferentes enfoques teórico-metodológicos (cf. BISPO, 2009, dentre outros), desde o trabalho precursor no Brasil de Mollica (1977) acerca das relativas copiadoras, ainda não há um trabalho que faça percurso similar a este no tratamento do tema.

Dessa forma, a investigação é inédita por alguns aspectos: união entre Sociolinguística e Funcionalismo, análise de um banco de dados ainda não utilizado, escolha de fatores diferentes de outras pesquisas. Ou seja, além de analisar o fenômeno, considerando aspectos sociolinguísticos e funcionalistas e assumindo o fenômeno como variável, o trabalho estabelece um “recorte” metodológico distinto daqueles já produzidos na literatura.

Ao longo das próximas seções, explicitaremos melhor o arcabouço teórico do trabalho, detalharemos a metodologia e analisaremos nossos dados para teste das hipóteses apresentadas.

Sociofuncionalismo

Segundo May (2009) e Görsky e Tavares (2013), os estudos sociofuncionalistas vêm sendo desenvolvidos no Brasil há décadas. Desde os anos 1980, várias pesquisas têm sido realizadas, articulando a Sociolinguística Variacionista e o Funcionalismo Norte-americano na análise de fenômenos de variação e mudança linguística. No âmbito do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL), vários trabalhos foram desenvolvidos, estudando fenômenos variáveis e observando, também, questões discursivas. Cezario, Marques e Abraçado (2016) destacam estudos de autores como Vera Paredes Silva, Maria da Conceição de Paiva e Maria Luiza Braga, para exemplificar algumas das pesquisas que aliam a Teoria da Variação e Mudança ao Funcionalismo.

Esses trabalhos, embora não versassem necessariamente sobre a articulação entre as duas teorias, já efetuavam sistematicamente o “casamento” aqui exposto, fazendo as necessárias opções teóricas e metodológicas. Pesquisas posteriores, contudo, começaram a explicitar de forma sistemática a (im)possibilidade de articulação entre Sociolinguística e Funcionalismo, considerando a necessidade de determinadas adaptações, a partir de algumas “perdas” e de alguns “ganhos”. May (2009, p. 70) ressalta que “essa aproximação teórica tem sido debatida com mais fôlego” nos últimos anos, caminhando para “uma conversa na diferença”.

A articulação entre essas duas teorias linguísticas poderia levar ao questionamento da possibilidade de ambas serem, em alguma medida, incompletas. Contudo, a defesa dos autores sociofuncionalistas envolve um terceiro caminho a ser percorrido, em que são consideradas questões da Teoria da Variação e do Funcionalismo, mas há uma tentativa de efetuar uma terceira proposta, “uma terceira via de abordagem” (GÖRSKY; TAVARES, 2013,

p. 81). Sob esse enfoque, princípios sociolinguísticos são enriquecidos por considerações funcionalistas, levando a uma perspectiva que mistura questões de ambas as vertentes, a partir de um hibridismo teórico.

Görsky e Tavares (2013) problematizam esse “casamento”, a partir de duas questões: (a) o posicionamento “anti-funcional” adotado por Labov em alguns de seus textos, o que não permitiria, para autores como Roberto Camacho (ano?), alinhar essas duas perspectivas; e (b) a visão biunívoca entre forma e função, como proposto no princípio da iconicidade em sua versão mais radical, em que cada forma tem uma função específica. Sob essas perspectivas não seria possível alinhar variação e discurso nem numa abordagem sociolinguística nem numa abordagem funcionalista.

Görsky e Tavares (2013) também questionam, a partir das indagações de Borges Neto e Müller (1987) em que medida é possível retomar os postulados de duas teorias linguísticas apenas como um somatório de ambas. Na verdade, as autoras apontam que existe a necessidade de fazer algumas opções metodológicas e teóricas, “sinalizando”, ora mais para um caminho, ora mais para outro e não apenas “somando” as duas teorias.

Em busca da articulação teórica sociofuncionalista, as autoras defendem que William Labov usa o termo “gramática” num sentido amplo, incluindo fonologia, léxico e organização semântica, o que indicaria ser possível trabalhar a variação para além do nível linguístico, incluindo, portanto, fenômenos variáveis de natureza funcional. Ao mesmo tempo, elas argumentam que Givón (1995) propõe um afrouxamento na relação biunívoca entre forma e função, apontando para uma iconicidade gradiente e recuperável diacronicamente, o que abre espaço para o estudo da variação, já que haveria a possibilidade de mais de uma forma para uma mesma função. Em publicação recente, por exemplo, Labov (2010) remete a autores funcionalistas como Bernd Heine, Paul Hopper, Tania Kuteva e Elizabeth Traugott, para defender que a variação pode ser estudada em níveis além do fonético-fonológico, citando os estudos de gramaticalização.

Logo, para efetuar uma análise sociofuncionalista, é preciso considerar algumas “perdas”, como o enfraquecimento do princípio da iconicidade, e alguns “ganhos”, como a expansão do conceito de variação. É preciso ressaltar, contudo, que essas questões já foram discutidas por autores clássicos de ambas as correntes teóricas. Ou seja, “o sociofuncionalismo é uma perspectiva viável de pesquisa que, em seu hibridismo, possibilita uma aplicação não estanque, maleável, de acordo com o objeto e com os objetivos de pesquisa que se apresentam a esse novo tipo de ‘linguista camaleão’” (MAY, 2009, p. 71-72).

Essa união é possível, pois há “vários pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística e do Funcionalismo que guardam semelhança e, assim, podem ser relacionados para o estudo de fenômenos de variação e de mudança linguística” (GÖRSKY; TAVARES, 2013, p. 88). Tais pontos de contato, entretanto, não indicam que esse “casamento” não apresente alguns possíveis problemas, conforme expusemos anteriormente. Porém, parece um consenso entre os teóricos da área que o caminho é buscar a “conversa na diferença”, já que “não é necessário que as diferenças sejam interpretadas como alternativas excludentes, como impossíveis de serem tópicos de uma conversa comum” (PIRES DE OLIVEIRA *apud* TAVARES, 2003).

Görsky e Tavares (2013) buscam discutir não apenas questões relacionadas à articulação teórica envolvida na proposta sociofuncionalista, mas também a aspectos metodológicos pertencentes a esse “casamento”, a partir de pesquisas já desenvolvidas à luz dessa perspectiva. As autoras defendem que as pesquisas sociofuncionalistas seguem uma metodologia quantitativa e qualitativa, que envolve:

(i) identificação de situações de uso linguístico variável dentro de um domínio funcional; (ii) operacionalização da noção laboviana de variável, isolando formas variantes que desempenhem uma mesma função dentro de um domínio funcional; (iii) testagem de grupos de fatores diversos para identificar os contextos (linguísticos, discursivos, estilísticos, sociais) de uso das formas; (iv) detalhamento de cada grupo de fatores buscando captar variações e mudanças em curso ainda sutis (considerando inclusive sobreposição de funções), e posterior amalgamação de fatores em busca de generalizações; (v) interpretação da frequência das formas em determinados contextos como indício de: (a) perda de espaço de uma das variantes, (b) generalização de significado (os itens expandem seus contextos de uso), ou (c) especialização de uso (os itens adquirem significados mais específicos restritos a certos contextos dentro do domínio) (GÖRSKY; TAVARES, 2013, p. 92).

Dessa forma, pressupostos funcionalistas auxiliam na elaboração de hipóteses para análise da variação, tendo em vista que “numa perspectiva sociofuncionalista, os resultados quantitativos e qualitativos obtidos são explicados através de princípios e motivações de natureza cognitivo-comunicativa (...) além de princípios e motivações de natureza sociocultural e estilística” (TAVARES, 2013, p. 38). Para May (2009), em perspectiva sociofuncional, tanto os grupos de fatores a serem utilizados na análise quanto o objeto de pesquisa podem envolver níveis mais discursivos.

Tavares (2013) aponta que a metodologia sociofuncionalista engloba a testagem de

grupos de fatores diversificados visando à identificação de contextos que possam ser relacionados ao uso de determinada variante. Nesse âmbito são considerados aspectos linguísticos, discursivos, estilísticos e socioculturais. Ou seja, podem ser utilizados como fatores de análise aspectos sociais (faixa etária, sexo, escolaridade, classe social) ou pragmático-discursivos (iconicidade, marcação, paralelismo).

Görsky e Tavares (2013) asseveram, ainda, que metodologicamente o Funcionalismo auxilia análises sociolinguísticas, ao trazer maior refinamento de grupos de fatores linguísticos diante da inclusão de restrições discursivas, como planos discursivos, estatuto informacional e graus de integração. Esses aspectos podem ser analisados qualitativamente, de forma escalar, e posteriormente amalgamados em análises quantitativas. Os aspectos sociais também podem ser observados metodologicamente, a partir de fatores interacionais ligados à negociação entre os participantes da interação.

Isso significa que análises sociofuncionalistas podem congregam o tratamento discreto dado sob perspectiva quantitativa e a perspectiva mais próxima a um *continuum* de categorias. Embora, em geral, a Sociolinguística Variacionista seja conhecida por observar, de forma mais sistemática, questões estatísticas, e o Funcionalismo, questões qualitativas, é preciso considerar que trabalhos funcionalistas também adotam uma metodologia quantitativa e que a Sociolinguística também considera uma abordagem qualitativa em sua análise. Não podemos, pois, associar apenas uma metodologia a cada corrente teórica, já que ambas têm diversificadas possibilidades teórico-metodológicas (cf. ECKERT, 2012, dentre outros).

A união metodológica dessas teorias, então, é possível, pois ambas são baseadas em dados empíricos, a partir, muitas vezes, de quantificação estatística. Tanto a Sociolinguística Variacionista quanto o Funcionalismo linguístico consideram a frequência como um fator relevante, para difusão da mudança, o que pode ser observado com base na difusão social de novas formas da língua em diferentes contextos de uso.

Tavares (2003) aponta que a articulação sociofuncionalista envolve, então,

[...] um imbricamento de convergências e não convergências, conceitos, termos, proposições, interpretações, explicações, metodologias, intertraduções, enfim, temos propostas de casamento diversas, na ‘escala teórica’ que vai do funcionalismo voltado à gramaticalização à sociolinguística variacionista (TAVARES, 2003, p. 146).

Neste trabalho, o Sociofuncionalismo é utilizado para análise das estratégias de relativização, a partir de dois aspectos: variação e marcação. Defendemos que há um processo

de variação entre as estratégias de relativização e que a relativa copiadora é a forma mais marcada. O conceito de marcação é calcado por Givón (1990) o qual defende que estruturas marcadas apresentam maior complexidade estrutural, são menos frequentes e são mais complexas cognitivamente, o que acreditamos ir ao encontro das relativas copiadoras, em comparação com as relativas padrão não preposicionadas.

Defendemos, então, que o Sociofuncionalismo é uma abordagem possível e bem amparada teoricamente, buscando, inclusive, uma “terceira linha” de trabalho, articulando questões já discutidas por autores das teorias em que se baseia, a partir de uma “conversa na diferença”. O papel dos estudos sociofuncionalistas é estudar a variação e a mudança, tendo como base as questões sociais e discursivas, unindo questões de ambas as teorias em seu arcabouço teórico. Essa abordagem vem ganhando cada vez mais força no Brasil e tem sido amplamente discutida, conduzindo a novos estudos e a maior sistematização teórica e metodológica de como é possível articular a Sociolinguística Variacionista e o Funcionalismo Norte-americano com necessárias adaptações, mas sem descaracterizar ambas as abordagens.

Metodologia

Esta pesquisa é desenvolvida sob uma metodologia que envolve aspectos qualitativos e quantitativos. Para isso, inicialmente coletamos os dados utilizando o *Corpus Discurso & Gramática*, em específico as cidades de Niterói e Juiz de Fora. Tal escolha é motivada por algumas questões que destacaremos nesta seção. Para tanto, efetuaremos, preliminarmente, uma descrição desse *corpus*.

Segundo o site do Grupo Discurso & Gramática¹, a montagem do banco de dados ocorreu após a criação do grupo e a aprovação de um projeto financiado pelo CNPq (“Iconicidade na fala e na escrita”) e foi motivada por quatro objetivos: 1) analisar a iconicidade na língua em uso a partir de fenômenos linguísticos; 2) criar um *corpus* com correspondência de conteúdo entre fala e escrita para compará-las “de forma mais rigorosa”; 3) testar em diferentes subgêneros a codificação da informação e; 4) comparar fala e escrita, a partir dessas categorias textuais.

Cada informante produziu cinco tipos distintos de textos orais e, a partir destes, cinco textos escritos, para assim garantir a comparabilidade entre fala e escrita. De forma estruturada, o informante já sabia previamente quais itens seriam abordados, a finalidade da coleta e o papel social dessa entrevista. Após a concordância de cada informante, as

entrevistas foram gravadas, sendo obtidos depoimentos de 20 indivíduos em Juiz de Fora, Rio Grande e Natal e de 18 pessoas em Niterói.

Esse banco de dados apresenta textos de fala e escrita gravados/ coletados em cinco cidades brasileiras: Rio de Janeiro (Rio de Janeiro), Natal (Rio Grande do Norte), Rio Grande (Rio Grande do Sul), Juiz de Fora (Minas Gerais) e Niterói (Rio de Janeiro). Esses textos são agrupados, a partir do nível de escolaridade, divididos em narrativa recontada, narrativa de experiência pessoal, descrição de local, relato de procedimento e relato de opinião e categorizados em relação a outras variáveis sociais: idade e sexo.

Diante da descrição da amostra que utilizamos, vale ressaltar que a escolhemos por apresentar dados de fala e escrita e ter o controle de alguns fatores sociais. Além disso, devido ao trabalho de Bispo (2009) já ter analisado as orações relativas nas cidades do Rio de Janeiro e Natal do mesmo *corpus*, buscamos estabelecer escolhas diferentes.

Após a coleta dos dados, utilizamos as seguintes variáveis para análise qualitativa e quantitativa:

Quadro 1: variáveis/ grupos de fatores analisados

Variável dependente	Variáveis independentes
Estratégias de relativização	Modalidade
	Escolaridade
	Região

Fonte: elaborado pelo autor

Em relação à variável dependente “estratégias de relativização”, consideramos, a partir da literatura, duas possibilidades analíticas: relativa padrão não preposicionada e relativa copiadora. Já em relação às variáveis independentes, analisamos modalidade, escolaridade e região. A escolha desses grupos de fatores está ligada ao *corpus* utilizado (mediante a disponibilização dos textos divididos já em categorias) e ao trabalho de Bispo (2009).

Análise

Mollica (1997) ressalta que o português falado no Rio de Janeiro apresenta um processo de variação entre construções de cláusulas relativas, como: (a) “Eu conheço um carpinteiro que ele trabalha muito bem” x “Eu conheço um carpinteiro que trabalha muito

bem”; (b) “Aquele é o rapaz que eu estava falando dele ontem” x “Aquele é o rapaz de quem eu estava falando dele ontem”. A discussão estabelecida pela autora envolve as relativas copadoras, ou seja, aquelas em que há cópia, a partir de um pronome.

A presente análise envolve a variação atestada por Mollica, a partir de aspectos qualitativos e quantitativos. Iniciamos a análise lendo o *corpus* e observando suas características, para que pudéssemos efetuar a coleta dos dados. Em seguida coletamos todos os dados que se enquadravam nas duas estratégias de relativização: relativa padrão não preposicionada – denominada aqui apenas como relativa padrão – e relativa copadora. Ao longo desse processo, analisamos qualitativamente os dados, percebendo algumas tendências e padrões que poderiam influenciar nossa análise.

Um dos aspectos que percebemos pode ser discutido, a partir do exemplo abaixo:

(3) “E: Mariana... agora eu quero que você me conte uma história que tenha acontecido com alguém que você conhece... que tenha sido interessante... alegre... triste... engraçada...

I: Ahn... foi a história **que aconteceu com meu tio...** ele trabalha (com) negócio de navio... né? Da marinha... aí eu encontrei/ fui na casa dele... aí ele estava contando lá... né? estava o pessoal assim/ () reunido... assim na mesa... aí ele começou a contar que ele estava sozinho de barco... aí estava assim... mar a/ praticamente aberto... né? aí ele avistou uma ilha assim... pequena... né?” (Niterói – Narrativa recontada – Fala – Oitava Série).

Nesse exemplo, podemos perceber que o entrevistador utiliza a estrutura “uma história que tenha acontecido”, composta por uma estratégia de relativização. O informante, como vemos no exemplo acima, produz uma estrutura semelhante – “foi a história que aconteceu com meu tio...” –, contendo a mesma estratégia de relativização. Analisando os dados coletados, percebemos que esse aspecto se repete em diversos momentos do *corpus*: o entrevistador produz estruturas semelhantes à apresentada e o informante utiliza o mesmo recurso.

Concluimos que dados como esses poderiam enviesar nossa análise, tendo em vista que todos têm características semelhantes. Ademais, isso ocorre em ambas as cidades analisadas – Juiz de Fora e Niterói –, o que reforça a retirada dos dados da quantificação estabelecida. Em relação ao grau de escolaridade, informantes com distintos graus de escolaridade apresentam o mesmo padrão. Logo, não é uma tendência apenas de falantes com

menor/ maior grau de escolarização.

Após a exclusão desses dados, quantificamos os dados encontrados nas duas cidades. O primeiro aspecto a ser observado é a distribuição dos dados em ambas as cidades. A hipótese postulada para esse fator previa que as relativas copiadoras seriam menos frequentes do que as relativas padrão, pois as últimas seriam formas não marcadas. Alguns exemplos podem ser vistos abaixo, em que (4) é um exemplo de relativa padrão não preposicionada e (5) de relativa copiadora:

- (4) “Tive a oportunidade de aprende ablica enjeção em animais, cuidei de animais operados, ajudei a fazer um parto de uma gata **que estava com complicações.**” (Niterói – Narrativa de Experiência Pessoal – Escrita – Oitava série).
- (5) “Bom... eu sou espírita... sou kardecista... e meu/ lá em casa todos nós somos kardecistas... menos o meu pai... meu pai é católico... mas... no espiritismo tem aquelas pessoas que são médiuns... né? meu pai é médium... então/ e ele tem um amigo... **que ele::... também é kardecista...**” (Juiz de Fora – Narrativa Recontada – Fala – Ensino Médio).

A tabela abaixo ilustra os resultados encontrados:

Tabela 1: Frequência das estratégias de relativização

Tipo de relativa	Niterói	Juiz de Fora	Amalgama das cidades
Relativa padrão	117/122 95.9%	105/111 94.6%	222/233 95.3%
Relativa copiadora	5/122 4.1%	6/111 5.4%	11/233 4.7%

Fonte: elaborado pelo autor

Na tabela acima, podemos perceber que a hipótese inicial foi confirmada, tendo em vista que a maior parte dos dados amalgamados encontrados é de relativa padrão (95.3%) diante de poucos casos de relativa copiadora (4.7%). Ou seja, de fato, a estratégia mais

marcada foi menos frequente, conforme postula Givón (1990), ao caracterizar o princípio da marcação.

Em relação às cidades de Niterói e Juiz de Fora, podemos observar que a estratégia mais utilizada foi, mais uma vez, a relativa padrão com 95.9% e 94.6% do total de dados, respectivamente. A relativa copiadora, mais marcada, teve apenas 4.1% e 5.4% do percentual total. Dessa forma, como previa a hipótese inicial, a relativa copiadora foi menos frequente, por ser discursivamente mais marcada.

Ao observarmos os resultados das duas cidades, então, percebemos que não houve grande diferença quantitativa entre eles. Esse aspecto pode ser relacionado à hipótese postulada no início do artigo, de que não haveria diferenças diatópicas em relação aos resultados, o que se confirmou. Além disso, os resultados são semelhantes aos encontrados em Bispo (2009) para as estratégias de relativização no mesmo *corpus*, mas em outras cidades. Esse resultado, além de confirmar a hipótese inicial do trabalho, de que as formas menos marcadas seriam menos frequentes, aponta para uma discussão importante relacionada ao tema aqui escolhido.

Conforme Brandão e Vieira (2012), remetendo à proposta de Labov, há três tipos de regras linguísticas: categórica (100%), semicategórica (95-99%) e variável (5-95%). Seguindo essa proposição, os resultados aqui apresentados não poderiam ser considerados como variação, pois se enquadram no grupo “semicategórica”. No entanto, acreditamos que deve ser considerado sob um olhar mais qualitativo o *corpus* utilizado. Esse banco de dados apresenta textos com relativo grau de monitoramento, todos produzidos diante de um interlocutor, um gravador, ou seja, de um momento típico de entrevista. Esses aspectos podem ter influenciado a análise e também devem ser levados em conta. Além disso, a mistura de informantes com distintos perfis sociolinguísticos pode ter influenciado em alguma medida os resultados. Pesquisas como a de Mollica (1977), por exemplo, considerando apenas falantes com baixo grau de escolaridade, tiveram resultados bem mais expressivos, além de Mollica (1997) apresentar esse padrão como variável no português do Brasil.

No que se refere à segunda hipótese que postulamos, elaboramos as tabelas a seguir. Nossa hipótese está relacionada ao grau de escolaridade dos informantes. Defendemos que falantes com menor grau de escolaridade tendem a usar mais formas não-padrão do que aqueles com maior grau de escolaridade.

Tabela 2: Relação entre as estratégias de relativização e o grau de escolaridade

Grau de escolaridade	Niterói		Juiz de Fora		Amálgama das cidades	
	Relativa padrão	Relativa copiadora	Relativa padrão	Relativa copiadora	Relativa padrão	Relativa copiadora
Classe de alfabetização	5/122 4.1%	--	6/105 5.7%	--	11/227 4.9%	--
4ª série	9/122 7.4%	--	9/105 8.6%	1/6 16.66%	18/227 7.9%	1/11 9%
8ª série	23/122 18.9%	2/5 40%	27/105 25.7%	3/6 50%	50/227 22%	5/11 45.6%
Ensino Médio	38/122 31.1%	3/5 60%	25/105 23.8%	1/6 16.66%	63/227 27.8%	4/11 36.4%
Ensino Superior	47/122 38.5%	--	38/105 36.2%	1/6 16.66%	85/227 37.4%	1/11 9%

Fonte: elaborado pelo autor

Ao observarmos a tabela 2, podemos perceber que os informantes com menor grau de escolaridade não utilizaram mais as relativas copiadoras do que os com maior escolaridade. Em relação a Niterói, dos 5 dados encontrados, 2, ou seja, 40%, são de informantes com oitava série e 3, 60%, de informantes com Ensino Médio. Falantes com grau de escolaridade mais baixo não utilizaram tais formas, refutando nossa hipótese. Porém, observando o *corpus*, percebemos que os informantes com menor escolaridade produziam textos falados e escritos muito menores, o que dificulta, em alguma medida, a comparação com outros graus de escolaridade. Ou seja, embora de fato tenhamos, quantitativamente, mais dados com informantes cuja escolaridade é um pouco mais elevada, o tamanho do *corpus* deve ser levado em consideração, já que os informantes com mais baixa escolaridade desenvolveram menos os assuntos, produzindo menos dados.

Ao observarmos os percentuais de Juiz de Fora, podemos dizer que a distribuição do

uso das formas não-padrão foi equilibrada, sendo 1 dado com informantes com escolaridade quarta série, Ensino Médio e Ensino Superior. Apenas o grau de escolaridade oitava série teve mais dados (3), representando 50% do total. Ou seja, nossa hipótese também foi refutada na cidade de Juiz de Fora. Destacamos, porém, que o quantitativo de dados é muito baixo para estabelecer generalizações e que seria necessário maior número de dados para conclusões mais concretas. Na verdade, a tabela acima pode ser vista como uma tendência, um ponto de partida para outros trabalhos.

Acerca do postulado deste trabalho, de que não haveria diferenças diatópicas, podemos dizer que a hipótese foi confirmada, já que nas duas cidades a tendência de haver mais dados com informantes de escolaridade mais baixa não se confirmou. Além disso, os resultados são semelhantes aos obtidos por Bispo (2009) em análise de outras cidades do mesmo *corpus*. Observamos que, mais uma vez, a região não foi um aspecto determinante.

Ao analisarmos a tabela acima, percebemos que as relativas copiadoras foram mais utilizadas por informantes com oitava série e Ensino Médio, refutando nossa hipótese inicial. Também percebemos o evidente aumento no uso de relativas padrão diante do aumento da escolaridade. Acreditamos que, devido ao *corpus* utilizado, as estratégias de relativização tiveram tal distribuição de frequência porque houve menor desenvolvimento dos textos dos informantes com menor escolaridade, o que pode ter levado ao menor uso de relativas padrão e copiadora.

Outra hipótese postulada no trabalho envolve as modalidades falada e escrita. Acreditamos que as formas não-padrão, ou seja, as relativas copiadoras, tenderão a ocorrer mais na modalidade falada, devido ao menor grau de monitoramento. A tabela abaixo traz os resultados da análise:

Tabela 3: Cruzamento entre estratégias de relativização e modalidade

Modalidade	Niterói		Juiz de Fora		Amálgama das cidades	
	Relativa padrão	Relativa copiadora	Relativa padrão	Relativa copiadora	Relativa padrão	Relativa copiadora
Falada	91/117 77.8%	4/5 80%	73/105 69.5%	6/6 100%	164/222 73.9%	10/11 90.9%
Escrita	26/117	1/5	32/105	--	58/222	1/11

	22.2%	20%	30.5%		26.1%	9.1%
--	-------	-----	-------	--	-------	------

Fonte: elaborado pelo autor

A tabela acima envolve a distribuição das estratégias de relativização nas modalidades falada e na escrita. Em relação à cidade de Niterói, podemos perceber que as relativas copiadoras ocorreram, de fato, predominantemente na fala (80% dos dados). Contudo, ressaltamos que há poucos dados para defender que esse resultado é categórico, sendo possível tomá-lo como uma tendência. Dos 5 dados encontrados, apenas 1 está na modalidade escrita da língua, representando 20% do total, ou seja, nossa hipótese foi confirmada. Devemos nos atentar, porém, para a similaridade com os resultados das relativas padrão. Nesse grupo temos 77.8% dos dados na modalidade falada e 22.2% na modalidade escrita, percentuais idênticos aos encontrados em relação às relativas copiadoras. Esse aspecto leva ao questionamento da hipótese inicial que, embora confirmada, pode representar uma tendência não apenas das relativas copiadoras, mas também das relativas padrão. Ou seja, essas formas são, na cidade de Niterói, mais frequentes na modalidade falada do que na modalidade escrita.

Qualitativamente, percebemos que, diante da passagem do texto oral para o escrito, os informantes eliminam algumas marcas de seu discurso, aparentemente indo ao encontro de um discurso mais objetivo, “econômico”, direto, em contraste com aquele formulado na modalidade falada. Tal aspecto está ligado ao processo de retextualização (cf. MARCUSCHI, 2001) e envolve diretamente as estratégias de relativização, segundo aponta Varejão (2017). Um caminho para uma nova pesquisa seria analisar o que é suprimido, modificado, acrescido nesse processo, a partir do *corpus* aqui destacado.

A partir da tabela acima percebemos, ainda, que, na cidade de Juiz de Fora, tivemos todos os dados de relativas copiadoras na modalidade falada da língua, confirmando nossa hipótese inicial, de que os usos não-padrão seriam mais frequentes na modalidade oral, em virtude do menor grau de monitoramento. Devemos ressaltar que, no que se refere à relativa padrão, a maior parte dos dados (69.5%) ocorreu na modalidade falada da língua e apenas 30.5% ocorreram na modalidade escrita.

Diatopicamente, podemos dizer que não houve grandes diferenças. Embora os dados de relativas copiadoras da cidade de Niterói tenham ocorrido também na modalidade escrita, eles representaram apenas 20% e, principalmente, 1 dado da amostra. Além disso, houve uma pequena diferença em relação aos resultados das relativas padrão, mas que resultou em um pequeno percentual de diferença. Ao compararmos com os resultados de Bispo (2009),

percebemos tendências semelhantes em outras cidades do mesmo banco de dados, corroborando a defesa aqui exposta. Ou seja, houve as mesmas tendências em ambas as cidades.

Ao observarmos os dados amalgamados, percebemos que, percentualmente, as relativas copiadoras apresentam maior quantitativo (90.9%). Por outro lado, devido a um grupo de dados total bem mais expressivo, podemos interpretar os dados relacionados à relativa padrão como mais passíveis de generalização, portanto, com resultados mais categóricos. Conforme expusemos, esses resultados direcionam para a confirmação da hipótese inicial, mas para um novo caminho, ligado também às relativas padrão, no intuito de se repensar a hipótese postulada, expandindo-a.

Acerca desse fator, também destacamos que o ideal é tratá-lo de forma escalar, gradual, a partir de um *continuum* tipológico, como propõe Marcuschi (2001). Porém, devido à organização do *corpus*, não foi possível estabelecê-lo, tendo em vista que são textos recolhidos em entrevistas sociolinguísticas e distribuídos em categorias textuais diversas (narrativa recontada, descrição, relato de experiência) que misturam gêneros, subgêneros e tipos e subtipos textuais.

Por isso, ressaltamos que os resultados sobre as modalidades são um panorama e não devem ser vistos de forma estanque, cristalizada. Na verdade, eles representam a distribuição das estratégias analisadas na fala e na escrita, a partir do que estava disponível no *corpus*, e já revelam tendências importante que podem ser mais bem observadas com base em trabalhos sobre retextualização (cf. VAREJÃO, 2017) ou a partir de um *continuum* fala e escrita, pautado em Marcuschi (2001).

Considerações Finais

O presente artigo teve como objetivo discutir a variação entre duas estratégias de relativização (padrão não preposicionada e copiadora) no português brasileiro, a partir de duas cidades do *Corpus Discurso & Gramática*: Niterói e Juiz de Fora. Recorremos a uma metodologia qualitativa e quantitativa, partindo da coleta e análise de dados, assim considerando sua frequência. Testamos as quatro hipóteses postuladas no início da pesquisa, por meio de grupos de fatores montados, levando em consideração as características do *corpus* e da leitura de trabalhos anteriores (cf. MOLLICA, 1997; BISPO, 2009, dentre outros).

O arcabouço teórico utilizado no trabalho envolveu questões relativas à Sociolinguística Variacionista e ao Funcionalismo Norte-americano, fundamentado na articulação sociofuncionalista. Recorremos às suas bases para guiar nossa análise, por meio dos conceitos de variação e de marcação. Além disso, procuramos retomar os estudos anteriores sobre a interface sociofuncionalista em busca de explicitar, de forma mais detalhada, sua inter-relação, considerando autores como Tavares (2003; 2013), Görsky e Tavares (2015), Tavares e Görsky (2015) e Cezario, Marques e Abraçado (2016).

Os resultados encontrados, em geral, confirmaram as hipóteses postuladas no início da pesquisa. Por outro lado, apontaram para a necessidade de reformular algumas questões relativas a elas. Ademais, o estudo indicou que é preciso utilizar outros *corpora*, devido ao baixo quantitativo de dados encontrados para as relativas copiadoras. Sua constituição também influenciou questões relacionadas à escolaridade e não possibilitou o estabelecimento de um *continuum* entre fala e escrita.

Referências

BISPO, E. B. *Estratégias de relativização no Português Brasileiro e implicações para o ensino: o caso das cortadoras*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Natal: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2009.

BRANDÃO, S. F.; VIEIRA, S. R. Concordância nominal e verbal: contribuições para o debate sobre o estatuto da variação em três variedades urbanas do Português. *Alfa: Revista de Linguística* (UNESP. Online), v. 56 (3), p. 1035-1064, 2012.

CEZARIO, M. M.; MARQUES, P. M.; ABRAÇADO, J. Sociofuncionalismo. In: MOLLICA, M. C.; FERRAREZI JR, C. *Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016.

ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. *Annual Review of Anthropology*, n. 41, p. 87-100, 2012.

GIVÓN, T. *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1990.

GIVÓN, T. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1995.

GÖRSKY, E. M.; TAVARES, M. A. Reflexões teórico-metodológicas a respeito de uma interface sociofuncionalista. *Revista do GELNE*, v. 15, p. 75-97, 2013.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. M. Bagno, M. M. Scherre e C. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LABOV, W. *Principles of linguistic change: cognitive and cultural factors*, vol. 3. Oxford: Blackwell, 2010.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

MAY, G. Discutindo o papel do funcional no sociofuncionalismo. *Working papers in Linguistics*, 10 (2): 69-79, Florianópolis, jul. dez., 2009.

MOLLICA, M. C. *Estudo da cópia nas construções relativas em português*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Rio de Janeiro, Pontifca Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1977.

MOLLICA, M. C. Anáforas em relativas no Português do Brasil. *Revista Alfa* Número Especial São Paulo, São Paulo, p. 171-179, 1997.

TAVARES, M. A. *A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista*. 2003. Tese (Doutorado em Linguística), UFSC, Florianópolis, 2003.

TAVARES, M. A. Sociofuncionalismo: um duplo olhar sobre a variação e a mudança linguística. *Interdisciplinar: Revista de Estudos em Língua e Literatura*, v. 17, p. 27-47, 2013.

TAVARES, M. A.; GÖRSKI, E. M. Variação e sociofuncionalismo. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (Org.). *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015, p. 249-270.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria de variação e mudança linguística*. Trad. M. Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

VAREJÃO, F. Variação de registro e orações relativas na passagem do texto oral ao escrito: relato de experiência didática. *Investigações (Online)*, v. 30, p. 10-37, 2017.

Recebido em: 16 de fevereiro de 2018.

Aceito em: 14 de maio de 2018.